

Sonangol recupera posse de campos de petróleo que estavam nas mãos do Estado Islâmico

2 de Fevereiro, 2018

A petrolífera angolana Sonangol anunciou esta quinta-feira, dia 1, que reassumiu a posse de dois campos de produção em Mossul, no Iraque, após um longo período sob controlo do grupo Estado Islâmico, refere a agência Lusa.

Segundo informação enviada ontem à Lusa, em Luanda, pela estatal Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol), a petrolífera “reassumiu” os campos localizados em Najmah e Qayarah, sul de Mossul, que entretanto já estavam em posse da concessionária nacional iraquiana North Oil Company (NOC), após “esforços que levou a cabo nos últimos dois meses” para “relançar” a atividade naquele país.

Em causa estão concessões petrolíferas para aqueles campos obtidas pela Sonangol em 2010, através da sua subsidiária, Sonangol Pesquisa e Produção, que detém uma participação de 75% dos interesses participativos e que representam reservas de mil milhões de barris de petróleo.

“Contudo, a petrolífera angolana foi forçada a suspender, de facto, as operações naquele país, em 2012, devido à deterioração das condições de segurança”, recorda a Sonangol.

A petrolífera, que desde novembro é liderada por Carlos Saturnino, após a exoneração de Isabel dos Santos daquelas funções, refere que, “com a posse efetiva dos campos”, retoma a sua atividade operacional nas duas áreas, “tendo sido, hoje, realizada a cerimónia de transferência das operações pelas autoridades iraquianas à Sonangol e parceiros”.

“O reassumir das suas concessões, naquele país do Médio Oriente, pela petrolífera angolana, a par do recente acordo com a Cobalt, em que por 500 milhões de dólares dirimiu um litígio de mais de 2.000 milhões de dólares, representa um dos maiores êxitos do atual conselho de administração, se tivermos em conta o potencial comercial dos referidos campos e a incerteza a que os mesmos estavam votados”, lê-se no comunicado.

A agência Lusa noticiou a 18 de julho último que a administração da Sonangol, então liderada por Isabel dos Santos, admitia que a estabilização da situação no Iraque, cujas forças de segurança estavam na altura a recuperar território antes sob controlo do grupo Estado Islâmico, permitirá recuperar o investimento realizado em campos petrolíferos naquele país.

Em causa estão os campos Qayyarah e Najmah, num investimento de quase 300 milhões de euros, que voltaram ao controlo das autoridades iraquianas em finais de 2016, mas que permaneceram várias semanas em chamas, por ação daquele grupo ‘jihadista’.

“A administração da Sonangol considera que os atuais esforços para retomar a operação nesses campos e a viabilidade financeira projetada sobre esta operação, permitirão assegurar a recuperabilidade dos investimentos efetuados nestes ativos mineiros”, refere a petrolífera no seu relatório e contas de 2016, fechado naquele mês.

A 10 de janeiro de 2017, o ministro do Petróleo iraquiano, Jabbar al-Luaibi, pediu à petrolífera Sonangol para retomar a operação naqueles campos petrolíferos.

Na ocasião, durante uma reunião com o administrador-executivo da Sonangol Edson dos Santos, o ministro Jabbar al-Luaibi pediu à petrolífera estatal angolana para “retomar o desenvolvimento” nos campos de Qayyarah e Najmah.

Em 2015 foi noticiado que o Estado angolano, através da Sonangol, podia estar em risco de perder o investimento na atividade da petrolífera no Iraque, conforme autoria independente às contas daquela empresa estatal.

Segundo o relatório da Ernest & Young às contas da Sonangol de 2014, o grupo estatal angolano do setor petrolífero tem atividade naquele país do Médio Oriente, mas face ao “contexto de insegurança existente nos referidos campos”, as operações foram suspensas e a administração decidiu desinvestir na operação.

De acordo com o auditor independente, no documento a que a Lusa teve acesso, em causa está um investimento global de quase 38 mil milhões de kwanzas (293 milhões de euros, à taxa de câmbio de 2015), “relativos a gastos com bónus de assinatura, prémios de adjudicação e custos de exploração e avaliação” em campos detidos no Iraque.